

**(DES) CONSTRUÇÃO DOS ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO E DE
DIVERSIDADE SEXUAL NOS ESPAÇOS EDUCATIVOS FORMAIS E
INFORMAIS A PARTIR DE LEITURA CRÍTICA DA
PERFORMAPALESTRA HELENA VADIA**

Doutoranda Mérida Paola Frye Córdoba
(Universidade Estadual de Londrina/UEL)
Mestre em Literatura.
chavelgirar@gmail.com

RESUMO

A presente proposta tem como objetivo refletir sobre a (des)construção do paradigma heteronormativo de gênero e diversidade sexual nos espaços educativos formais e informais. Os espaços educativos precisam reformular-se. Além dos direitos reconhecidos à comunidade LGBTI, a homofobia se faz ainda presente nas escolas, nas universidades, nas ruas e nos espaços públicos. Na série de televisão espanhola “*As seis irmãs*”, é apresentada a história de uma família matriarcal que desestabiliza as tradições de uma sociedade patriarcal. Célia, uma das irmãs, descobre-se homossexual - lesbica. A partir de então, sua família procura uma cura psiquiátrica a base de choques elétricos como terapia corretiva. Essa história, relatada no século XX, ainda estão presentes na sociedade atual, que pune as pessoas que não reproduzem as normas heteronormativas. Por isso, é necessário promover a reflexão junto a estudantes em escolas, universidades, congressos. Nesse sentido, esta comunicação propõe uma leitura crítica e didática da performapalestra de Helena Vadia, uma pesquisa-peça de teatro que almeja desconstruir os conceitos masculino-feminino, mulher-homem e os desejos sexuais.

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de
Teoria e Prática
da Educação





A leitura é acompanhada dos conceitos de gênero como construção social em diálogos com Judith Butler e B. Preciado.

Palavras-chave:(Des)construção; Gênero; Diversidade Sexual; Helena Vadia; Homofobia.

RESUMEN

La presente comunicación tiene como objetivo reflexionar sobre la (des)construcción del paradigma heteronormativo de género y diversidad sexual e los espacios educativos formales e informales. Los espacios educativos necesitan reformulase. A pesar de que se hable de derechos reconocidos para la comunidad LGBTI, existe la homofobia en la escuela, universidades, calles, en los espacios públicos y privados. En la serie de televisión española “las seis hermanas” cuenta la historia de una familia matriarcal que rompe con las normas de una sociedad patriarcal. Célia una de las hermanas descubre que es homosexual. Entonces, su familia procura una cura psiquiátrica que usa choques eléctricos como terapia correctiva. Estas historias relatadas en el siglo XX, aún están presentes en una sociedad que castiga a las personas que son diferentes, que no reproducen las normas heteronormativas. Por esto es necesario reflexionar con los estudiantes, en las escuelas, las universidades, en los congresos. Esta comunicación propone una lectura crítica e didáctica de la performapalestra *Helena Vadia*. Uma investigação- peça de teatro que provoca e desea desconstruir los conceptos masculino-femenino, “mujer-hombre” y los deseos sexuales. Esta lectura vai acompanhada de los conceptos de gênero como construção social em diálogos com Judith Butler e B. Preciado.

Palabras-claves:(Des)construcción,Gênero; Diversidade sexual; Helena-Vadia.

Abstract

This paper aims at reflecting on the (dis)construction of the heteronormative paradigm of gender and sexual diversity in formal and informal educational spaces. Educational spaces

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação





need to be reformulated. Although there is a discourse of recognizing rights for the LGBTI community, there is still homophobia and hate in schools, universities, streets, in public and private spaces. The Spanish television series "The Six Sisters" tells the story of a matriarchal family that breaks the rules of a patriarchal society. Celia is one of the sisters that discovers that she is homosexual. Then, her family seeks a psychiatric cure that uses electric shocks as corrective therapy. These stories recounted in the twentieth century are still present in a society that punishes people who are different, who do not reproduce heteronormative norms. That is why it is necessary to reflect about the subject with students, in the schools, the universities, in the congresses, etc. This communication proposes a critical and didactic reading of the performapalestra *Helena Vadia*. An investigation-play that provokes and desires to deconstruct the concepts of masculine-feminine, "woman-man" and sexual desires. This reading is accompanied by the concepts of gender as social construction in dialogues with Judith Butler and B. Preciado.

Key words: (Des)construcin, Gender; Sexual diversity; Helena-Vadia

INTRODUÇÃO

Ser um homem feminino
Não fere o meu lado masculino
(Gomes, 1983).

As reflexões sobre a diversidade de gênero e de sexualidade nas escolas, nas ruas, nas universidades e em congressos são prioritárias. Nossas práticas educativas devem, portanto, revolucionar o discurso acadêmico. Dessa forma, nossa proposta é estudar a diversidade de gênero e da sexualidade em salas de aula, nos coletivos e em espaços privados e públicos. Para tanto, nos propomos a analisar a Performapalestra escrita por Pâmela Villanova, Mestre em Artes Cênicas pela UNICAMP, *Helena Vadia*, que nasceu como resultado de sua dissertação de mestrado "Feminilidade Dissonante Em Cena: uma exploração andrógena e vadia do Mito de Helena". A obra performática reflete acerca do imaginário de "Helena" de Troia com uma nova proposta de (des)construção dos estereótipos de gênero e da sexualidade.

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Os personagens *drag* que interagem na peça não são aqueles personagens estereotipados pelas categorias de gênero tradicional; ao contrário, eles/elas são seres *performer* que se metamorfoseiam simultaneamente com sua fala afim de desconstruir o padrão normativo. Mas, também tem aquelas vozes que aparecem para representar a norma, a tradição heteronormativa, como por exemplo Andrômaca (rigorosa e normativa) em contraponto à Helena (viril e libertária)

HELENA: Conforme as prescrições, eu me exercitava em todos os jogos do prazer. Brincávamos de prender o gozo pelo maior tempo possível. Brincávamos de chegar ao orgasmo por todos os meios imagináveis. Brincávamos de não mostrar que gozávamos. Quem gozasse primeiro ganhava uma partida de prazer gratuita. Jogávamos bem e cada vez Melhor. (DE CAPRIO,2014, p. 124)

ANDRÔMACA (bebendo água): Nenhuma jovem espartana poderia crescer com modéstia, ainda que desejasse. Elas nunca ficam em casa; não, saem à rua com as pernas de fora e roupas largas, para lutas e corridas com os rapazes. Considero isso intolerável (DE CAPRIO,2014, p. 124)

O ensino na Grécia para homens era bastante liberal; porém, Helena, não sendo um desses, teve como mestre Quirão, que a ensina a arte de agradar.

Quirão ensina a arte de agradar aos outros e a arte de agradar a si mesma nos rostos à sua frente. Helena aprendeu a tirar prazer de qualquer encontro, de qualquer situação, aprendeu que o prazer depende principalmente de sua disposição.

Helena: Ele me ensinou a arte de agradar. Universalmente: aos homens e às mulheres, às crianças e aos animais. E a mim mesma, em cada rosto à minha frente. (DE CAPRIO,2014, p. 122)

A arte de agradar é uma tarefa típica “feminina” que se ensina às mulheres, geralmente na juventude, para que sejam bem-sucedidas em sua vida social. Só que, no caso de Helena, ela também sabe agradar-se. Este autoconhecimento enriquece e transforma e performar o “ser feminino” em um ser “fêmeo-viril” que sabe desfrutar de sua sexualidade.

A performatividade de gênero apontada por Butler é um tema transversal que perpassa tanto a Performapalestra *Helena Vadia* como também nossa própria vida, transformando constantemente é uma performance que constantemente transforma nossa visão de mundo. Nossos comportamentos são culturalmente apreendidos e ensaiados, assim como na arte e no ritual. Aceitar a repetição dos comportamentos e

Realização:



Apoio:



mostrar fazendo é também uma performance que adquire contornos mais espessos e que vai ganhando destaque na vida cotidiana (SCHECHNER, 2011, p. 29).

A “realidade” e a vida misturam-se com a arte e vice e versa. Nós, educadores, podemos ensinar, debater, ler *Helena Vadia* de diferentes formas. Esta aproximação entre a vida e a performapalestra é uma aprendizagem significativa para quem vai conhecer a obra, porque esta parte da experiência da(o)s estudantes. Escolhemos este texto pois ele aborda as discussões de gênero e sexualidade a partir de uma narrativa da antiguidade clássica. A ideia de Villanova, em sua dissertação, serve de inspiração a esta comunicação. A profundidade das intertextualidades musicais e textuais permite (des)construir os imaginários de masculino/feminino, macho/fêmea, homossexual/heterossexual.

A utopia de um mundo andrógono, indefinido, fluido e a-gênero

Helena Vadia é um exemplo vivo, carnal da “utopia de um mundo andrógono, em que a presença de **pintos e xanas** não sejam determinantes para as práticas sexuais e comportamentais, é um esforço para ver além das realidades inscritas nos corpos”. (DE CAPRIO, 2014, p. 26)



¹Fotografia de Drag Menelau (De CAPRIO, 2014) Teses Femenilidade Dissonante em cena: Uma exploração andrógona e vadia do Mito de Helena.

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de
Teoria e Prática
da Educação



A obra é uma polifonia de várias vozes que falam sobre os estereótipos de gênero e das construções de feminilidade/masculinidade, de ser “macho/femea, homossexual/heterossexual”. Como estudar e analisar os modelos de gênero e de sexualidade a partir de *Helena Vadia*? A partir das vozes *Drag* que parodiam a “verdadeira” “feminilidade/masculinidade” nas ações de *Drag Menalau*, a atriz se transveste de um homem travestido que representa o casal de Helena, um “homem” que é traído por sua mulher. Ele se monta nos saltos altos, nas roupas “femininas”. Este ser expressa a dor de sua virilidade “perdida” e o desejo castrado por meio da canção *Total Eclipse Of The Heart* de Bonnie Tyler.

Pamella perguntava-se: o que o transvestimos da Drag Queen usa como elemento de feminilidade? Que atitudes comportamentais são tidas como femininas por quem decide trabalhar uma “expressividade de mulher”? O objetivo inicial era chegar a uma composição “super. Feminina” e uma hipérbole (reveladora de fronteiras?) Do que seria a feminilidade. Mas quis observar também elementos de masculinidade que compõem essas figuras, que identifica como andrógenas. Como a mistura de feminilidade e masculinidade traz contradição a essas imagens! E como essa contradição me interessa. (De CAPRIO, 2014, p).

Ser Drag é uma performance que o corpo vai a moldando *Drag*; Menelau e *Drag* Palestrante fazem uma crítica muito forte à construção dos corpos e os dispositivos de gênero que se reflete nos corpos educados. Lopes Louro explica o fato dos corpos ser reprimidos nas instruções de controle como a escola que tem um preconceito com o corpo não heterossexual e “anormal”.

De fato, esses termos são de origem relativamente recente e vou sugerir que sua invenção — pois é disso que se trata — é um sinal importante de mudanças mais amplas. Para ser mais preciso, a emergência desses dois termos marca um estágio crucial na delimitação e definição modernas da sexualidade. Será, sem dúvida, uma surpresa para muitas pessoas saber que uma definição mais aguda de “heterossexualidade” como sendo a norma foi forçada precisamente pela tentativa de definir a “homossexualidade”, isto é, a forma “anormal” de sexualidade, mas os dados de que agora dispomos sugerem que foi exatamente isso que ocorreu. (Lopes 2000, p. 44)

Este conceito de “anormal” acunhado por Foucault e retomada Lopes amplia a ideia de correto e incorreto na sociedade. Agora pense-se como a construção de sociedade “normal” vai a deslocar-se frente a figura *Drag* como dispositivo que

Realização:



Apoio:



parodia os Gêneros (Butler, 2003, p.83). Então este exercício performático da obra *Helena Vadia* a crise da masculinidade e feminilidade se torna presente e ruidosa.

O saber *Drag King* não é a consciência de ser imitador da masculinidade [...] mas perceber, pela primeira vez, os outros, a todos os outros, como efeitos mais ou menos realistas de repetições performativas decodificáveis como masculinas ou femininas (Preciado, 2008, p.262)

Os personagens que discutem sobre a identidade, sexualidade e desejo sexual

CASSANDRA: É absurdo dividir a humanidade em homens e mulheres. Ela é composta simplesmente de feminilidade e masculinidade. Todo superhomem, todo herói, não importa o quão épico, genial ou poderoso, é a expressão prodigiosa de uma raça e uma época simplesmente, porque é composto de elementos femininos e masculinos, de feminilidade e masculinidade: o que significa um ser completo. (DE CAPRIO, 2014, p. 118)

A voz de Cassandra é ruidosa porque fala desde a crítica e não desde a norma, o seja ela entra a questionar a “verdadeira identidade” e como os corpos são construídos desde uma noção de “feminilidade” e “masculinidade”. A personagem Helena, caracteriza-se pôr ser uma mulher desejosa sexualmente. Ela experimenta com seu corpo e os corpos de outras meninas em sua infância tem brincadeiras sexuais como masturbar-se em coletivo, outro exemplo o fato de trair a seu marido Menalau. Ela é considerada e lida como viril. A performatividade “viril” de Helena é uma ameaça a masculinidade hegemônica que só pertenceria aos “homens”. Aparece o estupro de Teseo como uma punição a seu desafio e liberdade sexuais proibidos (na infância-adolescência).

A leitura dos personagens e suas performativas são experiências significativas e até problemáticas que nos lugares de ensino ainda são tabus. Mas é necessário trazer a tono estas discussões. Lembremos que *Helena Vadia* como performancepalestra é um texto cítrico didático e irônico que ensina e reflete sobre todos nós. “Todo mundo nasce nu e o resto é *Drag*” observa a *Drag Queen* RuPaul em seu reality show “*RuPaul’s Drag Race*”. Shelly Mars (BOTTOMS, 2010, p. 30).

Realização:



Apoio:





Nesta reflexão tudo mundo entra na questão de ser *Drag*, uma performatividade ambulante cheia de cargas sócias, culturais e políticas que são reflexo de uma “realidade” histórica. A humanidade precisa pensar-se fora das caixas, das categorias feitas para “diferenciar” e insolar a humanidade. Abraçar a diferencia, aprender e respeitar é nossa tarefa como educadores, indistintamente do lugar que ocupemos na sociedade.

Finalmente é importante não só ler e assistir a performapalestra, também interagir nas mesas as salas de aula, na rua para ter uma discussão “terrorista” como diz B. Preciado (2014) que rompam, quebre os preconceitos e conceitos naturalizados e especializados pela ciência e os dispositivos biológicos. Ampliar e mostrar como funciona os dispositivos de gênero dicotômico feminino/masculino e pensar que realmente o ser humano é multiverso más parecidas as mulheres e homens entre sim como aponta Pamella em toda seu trabalho reflexivo.

Agradecer e contribuir com o processo educativo dando a conhecer este trabalho acadêmico artística que propor uma escrita de si, do eu, desde a subjetividade que se massifica na medida que nós, espetadores conseguimos identificarmos e relacionar as vozes, os discursos da peça artística crítica com nossa própria existência e viver uma quebra de paradigmas. Des fixarem os corpos estereótipos de gênero em corpos libres e fluidos.

REALIZAÇÃO:



APOIO:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, 1990.

LOURO, G. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

BUTLER, J.; PRECIADO, B. **Judith Butler y Beatriz Preciado em entrevista con la revista Têtu**: depoiment. [19 de março de 2012]. Disponível em:

<<http://artilleriainmanente.blogspot.mx/2012/03/judith-butler-y-beatriz-preciadoen.html>>Acesso em:7jul. 2014. Tradução do francês de Artilleria Imanente. Entrevista

concedida a Ursula Del Aguila em novembro de 2008 para Revista Têtu (nº 138).

DE CAPRIO, Pamella. **Feminilidade dissonante em cena: uma exploração andrógena e vadia do mito de helena**. Campinas. UNICAMP. 2014

PRECIADO, Beatriz. **Manifiesto contra-sexual**. Tradução de Julio Diaz e Carolina Meloni.Madrid: Editorial Ópera Prima, 2012.

_____. **Testo Yonqui**. Madrid: Editorial Espasa Calpe, 2008.

Realização:



Apoio:

